



ULM.

Não pôde talvez o Danubio em seu curso blasonar de uma serie de vistas magnificas e encantadoras, como appresenta o Rheno entre Bingen e Coblantz: comtudo possui bellezas especiaes, que o distinguem do seu rival mais favorecido da natureza; tem vastas selvas que revestem até a beira d'agua as vertentes d'empinados montes que d'ambos os lados o estreitam; e o conspecto grandioso das ruinas de antigos castellos é variado pelo de numerosos mosteiros, que representam vivendas de principes, tal é a sua capacidade e o seu esplendor. — Em historicas recordações não dá vantagem o Danubio ao Rheno; por tempo largo formou a linha fronteira dos dominios romanos; o seu valle foi a estrada real das chusmas barbaras d'Attila, e das hostes de Carlos Magno, Gustavo Adolpho, Soleymano o magnifico, Marlborough, e Napoleão; resoaram a um tempo em suas praias os canticos dos peregrinos da Cruz, e os brados entusiasticos das multidões do turbante mahometano; tingiram-se alternativamente as suas aguas com sangue de romanos, hunos, allemães, suecos, turcos, francezes, e inglezes. — O Danubio, pelos germanos chamado Don-au, isto é, rio que trôa, e pelos húngaros Duna, tem as primeiras origens na extrema oriental da Floresta-Negra; posto que na extensão da corrente seja inferior ao Volga, merece por sua posição central muito maior consideração (\*). No seu caminho tortuoso lhe são tributarios nada menos de 150 rios, e lava os territorios de Wurtemberg, Baviera, Austria, Hungria e Turquia, até que a final por quatro vezes desemboca no Mar-Negro, a distancia de 1:770 milhas geographicas do seu manancial. Em tão dilatada rota prosegue quasi sempre entalado entre duas cordilheiras, e o fra-

gor da agua, quebrando-se nas penedias que lhe põem obstaculo, é de mui longe ouvido; mas vai tão largo entre Vienna e Belgrado que por vezes foi theatro de batalhas navaes entre flotilhas christaãs e ottomanas. — A navegação deste rio não corresponde á sua grandeza e á jerarchia que occupa no mappa da Europa, o que em muita parte é devido á violencia da corrente, ás frequentes interrupções de esteiros, alfaques, e revessas, que augmentam as difficuldades. Actualmente tratam as potencias principaes, que em suas margens dominam, de o converter, até por disposições commerciaes adoptadas internacionalmente, em canal de mais desembaraçada e proficiente communicação. Ao rio foi lançado em 1831 em Vienna o primeiro barco movido por vapor; d'antes era exclusivamente sulcado pelas barcaças mal geitosas que servem de vehiculos ordinarios, dispostas para transporte de generos, e nada commodas para passageiros.

Reforçado pelos copiosos auxiliares, o Iller e o Blau, principia o Danubio a ser navegavel em Ulm, cidade na raia de Wurtemberg e que está na borda esquerda do rio, pertencendo a margem direita á Baviera. Ha uma ponte de pedra, bem construida, erecta em 1832 por combinação e á custa das duas corôas de Wurtemberg e Baviera, que une os territorios destes dois reinos, de que alli só o Danubio é barreira.

Ulm, não obstante a diminuta povoação de 16:000 almas, possui edificios dignos de nota, sobretudo o que chamam mosteiro, um dos templos maiores e mais altos de toda a Allemanha, esplendido monumento da arte germanica na idade media, e que é pena não estar completo: é de cinco naves e os ornatos interiores são soberbos. Á sua posição militar deveu o ser nomeada em muitas guerras do impe-

(\*) Veja-se o que dissemos do Rheno o pag. 9 do vol. 1.º desta Serie.



rio; triste fama, que sempre mui caro se paga! Foi praça bem fortificada antes de a desmantelarem absolutamente em 1805, depois da victoria das armas francezas no campo de Elchingen. Vive a sua gente de varios ramos de industria, commerciando com as provincias limitrophes e pelo rio com a capital. Ha um genero de seu negocio que pela muita singularidade merece registado: — nos suburbios de Ulm criam-se caracoés, da especie dita *helix pomatia* pelos naturalistas; e até os deixam crescer e os engordam de proposito; empacotam-nos aos milhares em caixotes, e assim os transportam para algumas provincias austriacas, onde os prezam como delicado manjar, especialmente na Quaresma; affirma-se que sobe a quatro milhões, segundo approximado calculo, o numero de caracoés que Ulm vende annualmente para a mesa dos gulosos pseudo-abstinentes. Faremos uma pergunta singela: — supprirão por lá os saborosos camarões, de que se regalam os habitantes das costas meridionaes?...

APONTAMENTOS PARA A HISTORIA DOS BENS DA CORÓA  
E DOS FORAES.

VI.

Procurámos fazer sentir antecedentemente como logo no principio da monarchia o patrimonio fixo do estado, a propriedade publica, começou a ser desbaratado, e como os concelhos o suppriram com as contribuições de sangue, dinheiro e trabalho, impostas pelos foraes. Já alludimos ao excesso a que tinham chegado as doações feitas á aristocracia nos primeiros tempos do governo de D. Diniz — excesso que este rei se viu depois constringido a remediar, revogando o que elle proprio fizera na sua mocidade. Mostrámos que semelhantes doações eram por via de regra graciosas; porque o privilegio das *peçoas*, segundo as idéas triviaes na idade media, estendia-se ás *cousas*, ou antes ficava sendo representado pelo privilegio destas. Assim os bens da coróa, passando para as mãos dos nobres, recebiam delles caracteres semelhantes aos dos seus bens hereditarios, e sendo estes absolutamente exémplos de todo o genero de contribuição, tornavam-se completamente nullos os effeitos economicos da existencia de um patrimonio publico. Ainda, porem, isto não era tudo. O estado de guerra frequente não só com os musulmanos, nossos inimigos irreconciliaveis, mas tambem com os outros paizes christãos da Hespanha, fizera com que todas as povoações de certa importancia tivessem por nucleo e defensão um castello cujo governador, conhecido depois geralmente pelo nome de alcaide-mór, e nesta primeira epocha pelo de *pretor* (\*), era sempre um nobre. Este homem cumulava a suprema auctoridade militar e judicial; e um grande numero de contribuições municipaes, sobretudo das que provinham das coimas ou calumnias, lhe constituíam um avultado rendimento. Esta viciosa organização trouxe com o correr dos tempos um resultado fatal. As doações foram gradualmente confundindo o que os foraes distinguíam: os direitos do *palacium* ou fisco real, representado pelo magistrado (:) local de

(\*) A palavra *alcaide* parece ter sido sempre a palavra vulgar. Em alguns documentos encontra-se na sua forma arabe *Al-kaid*, o que no commum dos diplomas latino-barbaros se vertia por *pretor*.

(:) Chamámos-lhe *magistrado* porque as questões fiscaes pleiteavam-se ante o mordomo, e por elle eram julgadas.

fazenda (*maiordomus*), misturaram-se com os do alcaide-mór. A transformação foi lenta; e ser-nos-bia por certo difficiloso neste rapido esboço seguir a sua marcha. O *senhorio* das terras municipaes foi pouco a pouco substituindo a *alcaldaria*, sem que por isso este titulo se esquecesse. O rei empenhado, por causas que não vem para este logar, em diminuir a jurisdicção civil e criminal da aristocracia, como que lho compensava abandonando-lhe as rendas reaes dos concelhos. O *senhorio* de uma terra municipal começou a equivaler a uma doação de bens da coróa. Entretanto a monarchia habilitava-se, passando o poder judicial para as mãos dos legistas, homens inteiramente addictos ao throno, para uma victoria certa na grande empreza de subjugar as resistencias dos nobres.

A consequencia immediata das doações dos direitos reaes pagos pelos municipios foi o apuro da fazenda publica, e este apuro trouxe, ou pelo menos generalizou um costume que peiorou a situação dessa mesma fazenda. Como as rendas escaceavam para pagar as soldadas ou *quantias* aos cavalleiros nobres, e elles não serviam de graça, porque esse mister incumbia aos villões, na falta de meios pecuniarios para as satisfazer deram-se os bens que voltavam á coróa e os senhorios das terras em *pagamento das quantias*. Era uma situação comparavel á de qualquer paiz dos tempos modernos, onde a má gerencia do erario trouxesse como remedio os emprestimos, que, deixando sempre intactas as causas do mal, não fizessem senão multiplicar-se, e gerar a agiotagem e todas as terriveis consequencias della. É evidente que sendo fluctuantes os rendimentos reaes de cada concelho, e dando-se estes como pagamento das quantias, os que recorriam á semelhante recurso ignoravam o que despendiam, mas tinham a certeza do que era mais do necessario; porque os fidalgos recusariam a substituição se ella fosse contraria aos proprios interesses.

Cumpre, todavia, confessar que as opiniões feudaes sobre o serviço militar da nobreza tiveram mais acção nos espiritos na segunda epocha da nossa historia [de D. Diniz a D. Fernando] do que a que tinham tido na primeira: phenomeno singular, nunca observado, mas que nos parece incontestavel, sentindo não ser esta a occasião de o mostrar e de indagar-lhe as causas. Pagar as quantias ou soldos aos fidalgos com o *senhorio* das terras era uma approximação da formula feudal; porque realmente elles ficavam nas possuindo como uma especie de feudo (*feu*), palavra que começa a apparecer n'uma significação mais verdadeira só depois de D. Diniz.

Mas o que, apesar desta circumstancia, se nos affigura como indubitavel, é que foi principalmente o máu estado da fazenda publica só que trouxe o systema ruinoso de substituir pelas doações os pagamentos dos soldos em dinheiro corrente, ou em generos. O progresso de tal systema, á proporção que diminuíam os meios pecuniarios do governo, está patente nos diplomas do seculo 14.º, que podem dar-nos luz nesta obscura materia.

A pobreza do erario crescia progressivamente com o correr dos tempos, porque o mal nascia mais de um systema errado, e da influencia da fidalguia, que da vontade dos reis. D. Diniz foi um avaro, D. Affonso 4.º um homem de juizo, D. Pedro 1.º um doudo com frequentes intervallos lucidos de justiça e d'economia: e comtudo, todos elles, mais ou menos, fizeram doações importantes; todos elles



se acharam por vezes em apuros pecuniarios, o que é facil de deduzir dos documentos daquelle tempo; bastando notar que no fragmento da Chancellaria de D. Pedro, que nos resta, não raro é apparecer já o recurso das doações das terras aos cavalleiros, em pagamento dos *seus maravedis* [quantias].

A historia verdadeira, que sabe collocar os homens nas circumstancias em que viveram para os julgar, e que não acceta as opiniões do vulgo como factos historicos, nem se contenta de ir cegamente copiando o que outros disseram, ha-de um dia rehabilitar até certo ponto a memoria de D. Fernando da nota de perdulario. Não queremos com isto dizer que elle era um modello de principes [n'algumas cousas foi um dos melhores que tivemos]: queremos dizer que a accusação de prodigo que se lhe faz é exaggerada. Como adiante havemos de fallar dos queixumes feitos em côrtes no seu tempo, teremos occasião de apreciar esses queixumes, fundamento talvez unico da tradição que uma historia superficial e incompleta abraçou sem exame, e perpetuou irreflexivamente. Baste por em quanto observar que uma grande parte das doações de terras, feitas por D. Fernando, não são mais que pagamentos de quantias, o que prova menos as tendencias daquelle principe para desbaratar a fazenda publica, do que o estado de apuro a que esta havia chegado.

A estreiteza sempre crescente dos recursos publicos tornava cada vez mais necessaria uma nova fonte de rendimentos. Os bens da corôa; esses bens que a antiga lei politica do paiz quizera tornar uma tunica inconsutil; tinham sido, permitta-se-nos a expressão, jogados aos dados pela fidalguia, despedaçados e repartidos entre ella: as contribuições municipaes seguiam lentamente o mesmo caminho; e as novas fundações de concelhos, e *pobras* tornavam-se cada vez mais raras. Que restava pois? O que era obvio ainda aos espiritos menos agudos:— fazer que os municipios existentes, por nos servir-mos d'uma phrase moderna, supprissem o *deficit*. Foi o que effectivamente se praticou.

Então nasceu o systema, que modificado, estendido, aperfeiçoado tem subsistido até hoje — o das contribuições geraes — facto gravissimo em si, e singular nos caracteres que appresenta no seu apparecimento.

A economia da fazenda publica era nos primeiros tempos o transumpto da economia domestica de qualquer proprietario — a sociedade copiava a familia. O que já apontámos a este respeito parece-nos tello mostrado com clareza. Cada concelho pagava, em virtude de um contrato especial — a sua carta de foro. Estes contratos variavam segundo a maior ou menor fertilidade do alfoz ou termo do concelho, segundo o seu trato commercial, a sua situação corographica e os riscos, que em consequencia della corria de ser *espeitado* [assolado] pelos inimigos, &c. O estado era semelhante ao proprietario que arrenda ou afóra os seus bens por titulos especiaes, cujas condições variam segundo a riqueza ou pobreza do solo, a proximidade ou o remoto dos mercados, &c. É este o systema natural das sociedades na infancia, em que o pensamento de familia predomina e se reproduz por algum modo em tudo. O systema dos impostos geraes suppõe a virilidade de um povo: antes disso elle nem sequer, talvez, se comprehenderia.

Os *pedidos* ou *pedidas* foram a primeira e incerta formula das contribuições geraes. O *pedido* nasceu

nos senhorios privilegiados; nem nos recordámos, até, de o ter nunca visto mencionado nos foraes mais antigos, não sendo raro encontrá-lo já nas cartas d'emprazamento desse tempo, nas terras dos nobres e dos mosteiros. O pedido era na essencia o mesmo que a *talha* — uma contribuição indeterminada que o senhor extorquia dos colonos quando lhe aprazia, e a que elles d'antemão vinham submeter-se pelo acto de aforamento. A *talha* [côrte] distinguia-se porventura do pedido em exigir o senhor d'um Couto ou Honra uma certa somma total que os habitantes deviam repartir ou *talhar* entre si, ao passo que o pedido seria um *quantum* imposto individualmente a cada um, ou o mesmo que a *finta*. Isto não passa de uma conjectura, e talvez a unica distincção entre a talha e o pedido consista em ser aquella a expressão sincera e brutal de uma violencia; esta a sua expressão mais suavemente hypocrita.

Seja o que for; é certo que as necessidades do fisco trouxeram para a economia do estado este elemento de renda publica contrario á natureza do nosso primitivo systema de fazenda. Não temos certeza da data precisa do seu apparecimento; mas achámos que D. Pedro 1.º exemptou o concelho de Castel-mendo de *intas e talhas*, e D. Fernando o de Coimbra, o que suppõe a existencia dellas anterior a estes reinados. As contribuições extraordinarias dos municipios, conhecidas geralmente com o nome de pedidos, nasceram no meio dos aptros da fazenda publica. Tal denominação dada a essas contribuições extraordinarias, exigidas geralmente em côrtes, remonta á epocha de que nos occupámos, visto que do reinado de D. João 1.º data a publicação da lei que prohibia a outrem que não fosse o rei, o fazer ou *lançar* pedidos.

Os pedidos deram origem ás *sizas*, ou para melhor dizer converteram este tributo, que a principio não fóra mais que um expediente para acudir a despezas extraordinarias e internas de alguns municipios, em imposto do estado. O pagamento das sommas, requeridas aos povos em côrtes pelos reis, repartia-se pelos concelhos, e estes juntavam as suas quotas por meio das *sizas*, meio que no pedido real lhes era indicado. Nas côrtes de Coimbra de 1387 se estabeleceu definitivamente a siza por lei geral, que devia vigorar um anno, mas que ficou subsistindo posteriormente, abatendo-se-lhe o terço por alguns annos, allivio que cessou ainda no reinado de D. João 1.º

Dissemos que este novo methodo de supprir as despezas publicas era contrario ao nosso primitivo systema de fazenda. De feito o character d'esse antigo systema era como vimos a desigualdade na distribuição dos impostos: os maiores ou menores privilegios de cada concelho regulavam a sua quota de contribuição. Este modo de contribuir, rasoavel a principio, porque a desigualdade entre municipio e municipio era proporcional aos maiores ou menores inconvenientes moraes ou materiaes com que tinham de lutar os habitantes de cada concelho, havia-se tornado injusto ao passo que o estado de guerra contínua terminava; que as terras se arroteavam; que se facilitavam as communicações e se abriam os mercados; que, emfim, os commodos e incommodos eram quasi por toda a parte os mesmos. O systema d'impostos geraes substituidos aos municipaes vinha a ser um verdadeiro progresso; mas em vez de uma substituição realmente progressiva, houve uma accumulção monstruosa. Os di-



reitos reaes pagos em virtude das disposições dos foraes; os foros, e rendas dos bens da corôa; as gravosas direituras ou foragens das terras reguengueiras; tudo continuou a subsistir como d'antes; mas corria para as mãos dos particulares, e o fisco exausto mostrava ao povo os seus cofres vazios, e exigia d'elle que os enchesse novamente; sem que por isso cessasse de alimentar o antigo manancial da riqueza publica derivado do seu legitimo curso.

Foram estas causas que trouxeram o phenomeno notavel referido por Fernão Lopes, de que sendo no reinado de D. João 1.º a renda do Estado de quasi oitenta e dois milhões de libras, as sisas, isto é o tributo geral permanente, produziam mais de sessenta milhões, ou tres quartos dos rendimentos totaes, sendo o outro quarto o producto do que restava do outrora tão rico patrimonio da corôa, dos immensos bens reguengos, e sobre tudo das contribuições de foral.

Uma cousa unica houve, nestas sizas do tempo de D. João 1.º, verdadeiramente progressiva: foi o serem na realidade geraes. Todas as vendas e compras ficaram sujeitas a ellas, fossem feitas por quem fossem, não exceptuando o proprio rei e sua mulher (§). Foi um dos grandes passos que D. João 1.º deu na epocha de transição que elle abria, e que tinha de ser cerrada pelo cutello do algoz de D. João 2.º As côrtes de 1387 e as de 1482 são duas datas dolorosas e terriveis na historia das classes privilegiadas (\*\*).

Mas não antecipemos esta, já em demasia rapida, narração dos factos sociaes relativos á fazenda publica. Limitemo-nos por emquanto ao seculo 14.º Vejamos qual o estado das contribuições de sangue e trabalho, e se ao passo que a propriedade villaã era assim onerada por dois systemas oppostos de tributos, o povo ficava alliviado dos serviços pessoaes e dos perigos da guerra. Então poderemos avaliar os fundamentos dos seus queixumes, tão energicamente alevantados no seio dos parlamentos nacionaes.

(Continuar-se-ha).

(A. Herculano).

#### O CONDE SOBERANO DE CASTELLA, FERNÃO GONÇALVES.

912 — 970

3.º

TERRA de Hespanha, terra sempre heroica e sempre opprimida; victima do cartaginez, e despojo do romano; escrava do escandinavo; talada do moiro de Damasco, do arabe do Hyaman, e do barebere d'Africa; onze seculos ha que sobre ti pesa o açoite rigoroso do destino. Ah! se o heroe que te salvou os penates plantando o estandarte da patria nas serra-

(§) Côrtes de Coimbra de 1425 (1387). Art.º 7.º

(\*\*) Antes disto, no tempo de D. Affonso 4.º, D. Pedro 1.º e D. Fernando, as sizas, se acreditarmos a ordenação affonsina, tinham recahido tambem sobre as classes privilegiadas; mas sendo então transitorias, apenas se podem considerar como pedidos eventuaes. Como tributo permanente só datam da epocha de D. João 1.º, desde cujo reinado nunca mais foram abolidas. Em ambos os casos podem ellas recahiam principalmente sobre o povo, de cujo seio sahiam os *regatoens* ou mercadores de retalho, os quaes (sendo prohibido pelas leis aos nobres este mister) vinham a ser os principaes contribuintes, attendendo á forma por que eram lançadas as sizas.

nias das Asturias; e o habitante indomavel dos Pyreneus que da altura das suas montanhas, e da sua independencia vê estrondear a seus pés o trovão dos céus; e passar impotente a cólera dos conquistadores — fossem estimulo glorioso que erguesse do abatimento a teus filhos! . . . Quando, quando amanhecerá o dia do teu resgate!

Ha de amanhecer, terra de Hespanha; que ainda tens por ti uma grande espada!

Vês na frente de uma linha de cavalleiros aquelle nobre candilho, vestido de malha, atravessando as ruas estreitas de Burgos? pois o seu nome é um nome contagioso que fere a corda sympathica das almas energicas, que electriza e enthusiasma a toda a provincia christã, e que no peito do proprio mozarabe já domesticado ao jugo do estrangeiro accende o santo amor da independencia. E a sua vida é vida de perigos, e sacrificios, de aventuras e combates. Não é rei; e os reis de Leão e Navarra e quantos senhores e potentados governam na Peninsula fiel não excitam todos juntos as esperanças e terrores que elle excita. No meio da fraqueza, da inconstancia, e da corrupção da epocha, só elle se conserva inabalavel e puro; successor de Pelayo, representante da estirpe antiga, verdadeiro modelo do character nacional, tenaz, audacioso, elevado, é o homem dos destinos. Agora escuso nomear-vo-lo; que estes traços não quadram a outro senão ao illustre Fernão Gonçalves, o conde soberano de Castella.

Ei-lo que chega, e descavalga n'aquelle largo, onde está uma multidão de homens armados. Lá está fallando; e com quem? com Luiz Gonçalves, o adail, que nas faltas suas tambem serve de vigario.

— Senhor adail, está tudo prompto para a jornada?

— Ainda não chegaram alguns dos vassallos a quem vossa honra mandou carta [respondeu o adail] e sem esse reforço não julgo eu prudente, com respeito vosso, sairmos a campo; que mesmo com toda a gente que esperâmos de vossas terras, a mourisma será dez vezes mais em numero que nós.

— Sois assizado, Luiz Gonçalves [replicou o conde] e n'essa conta vos temos: mas agora não vos pedimos conselho; só queremos serviço do adail. Breve partiremos com essa gente que abi está reunida, se a outra não chegar a tempo: e, com ajuda de Deus, haveremos victoria; porque um leão é para mais de dez ovelhas, e trinta lobos para um milhar de cordeiros. —

Estas palavras do conde ao adail foram proferidas em voz bem alta e distincta com o fim de dar alento e inspirar confiança aos homens de armas do arraial, que as ouviram. E depois de breve pausa virou-se o conde para os seus pagens:

— Pagens! que arriem o meu *mata-moiros*, e me tragam a minha boa matilha, e os aprestos para uma caçada no monte de Lara, a que hoje hei de ir.

A caçada.

Não haveis notado, leitor, ou na historia ou de experiencia, um costume singular dos homens extraordinarios, e até dos que o não são; que na vespéra de uma empreza arriscada, de um grande acontecimento, ou de um grande perigo, em que hão de tomar parte, procuram sempre uma forte distracção, cada um segundo o seu natural ou os habitos que tem contrahido? Quaes se embriagam de prazeres, ou de bebidas; quaes se entregam ao



somno; estes jogam jogos de parar; aquelles vão caçar, que é outra especie de jogo. É como um instincto que os ensina por esta maneira a despreoccupar o seu pensamento, e a reservar para a hora suprema da lucta, que esperam, quanta energia moral repartiu com elles a natureza.

Foi isto que aconteceu com o conde, que antecipando successos proximos, o seu animo preparado para a guerra a que estava resolute, depois da practica indirecta que fez aos seus soldados, determinou n'este intervallo ir divertir cuidados a uma caçada.

Ei-lo ahí chega o mata-moiros, soberbo cavallo andaluz, cabeça acarneirada, orelhas grandes. Como é bem fornido de clinas! que peito tão aberto e tão largo! que braços tão seccos e nervudos! a perna parece de veado. Na cabeça ondea-lhe um penacho: traz sella alta, e ornamentada, estribos curtos e largos, e peitoral de armas. Como vem airoso o cavallo valido do conde, escolhido para todos os combates, ou contra javalis, ou contra moiros!

— E onde ficaram os cães? [perguntou o conde para um monteiro].

— Eis-los ahí vem, senhor, descendo aquella encosta [replicou este, apontando para o sitio]. E poucos momentos depois era chegada uma soberba matilha, cujos latidos e saltos denunciavam aquella especie de alvoroço que sentem estes animaes na occasião de satisfazer a sua paixão instinctiva.

— Audaz, prepara-te, meu Audaz, que hoje tem de pôr-se a dura prova a tua experimentada valentia:

— Ligeira, vê lá se te faltam as pernas; olha que estás para ter uma boa estrêa.

— Rapozo, a esperteza com que tu es capaz de ir pescar um osso, ainda que esteja dentro das goelas de algum dos teus camaradas, ainda será pouca para que as tuas escapem n'esta campanha dos cõmilhos de algum porco.

E como o general afamado que, na vespera de uma batalha, ao passar revista ás suas tropas, vai dirigindo a cada corpo um discurso lisongeiro para excitar-lhe o valor; assim ia o conde animando jovialmente a sua matilha. Depois soltaram-se os cães, cavalgaram os monteiros e o conde; e este tocando a bosina, lá vai de abalada toda a comitiva, e em poucas horas chega á montanha de Lara, a mais famosa coitada d'aquelles contornos. D'ahí a breves instantes levanta-se-lhes d'um matto espesso um enorme javali; monstruoso como ainda se não tinha topado outro nas coitadas de Castella. Os caçadores ergueram um grito de admiração e espanto, misturado de contentamento por julgarem que a corpulencia do animal denotava que seria tardo na carreira, e que com pouca fadiga, se bem que com algum perigo, o poderiam alcançar. Tocou com força a bosina, redobram os gritos, deitaram-se a todo o galope os cavallos; e velozes como setas partiram os cães no rasto da féra. Mas esta, contra a expectação dos seus perseguidores, não corre; voa diante d'elles. Nem os cães mais destros e ligeiros, nem o cavallo do conde que é veloz como o vento podem alcançar o javali. Transpõe as clareiras, embrenha-se pelos mattos, atravessa rapido os montes, pula sobre os fossos e os vallados, salta destemido os barrancos, e os algares mais profundos; e neste açodamento [cousa estupenda!] se encontra arvores, arvoretas, arbustos, urzes não os corta, como costumam com a raiva ou temor do perigo estes animaes. — Nada!

É certo que, havia poucos minutos, começavam

os cães a soltar uns latidos lamentosos, e uns uivos singulares e sinistros, e que os cavallos mostravam de quando em quando um certo estremecimento e sobresalto: mas nenhum dos cavalleiros deu por isso. De subito pararam os cavallos; e o conde todo attento e afanado no alcance da preza, sem reparar em tal, cravou e tornou a cravar os acicates nos ilhaes do mata-moiros; mas o animal ficou estacado, e como pregado ao chão sem mover-se para diante. Então o conde impaciente olhou para os lados, e viu parados todos os outros cavallos; parados os cães; impacientes como elle os cavalleiros: alongou os olhos, e divisou distante um vulto. «É o javali que cançou» disseram todos a uma voz. Mas ainda bem a não tinham proferido, quando o vulto se encaminhou para elles. Pareceu-lhes ainda o javali. Mas em vez da cabeça viram-lhe um capuz, depois as mangas de um habito, e as mãos de um homem; depois um monge que vinha andando para elles «Jesus!» disse o conde. «Jesus!» exclamaram todos. E enfiaram tremulos de susto e de horror. Mas tornaram logo um tanto a si, ouvindo ao longe as badaladas devotas da sineta de uma ermida edificada sobre a corôa da montanha, e no mesmo ponto as palavras do monge que estava já ao pé d'elles: «Deus vos tenha em sua santa guarda, cavalleiros. Conde, haveis de estar fatigado; vinde comigo tomar alguma refeição ao nosso eremiterio, que está acolá em cima: e a vossa gente mandai-a embora: que para outra vez lhe dê Deus melhor caça que a que hoje encontraram!» [acrescentou sorrindo o veneravel ancião.]

O conde foi com o monge. E a comitiva voltou para Burgos menos sentida do desapontamento experimentado n'esta diversão venatoria do que esperançada n'uma occurrencia, que, sendo em vespéras de guerra, interpretava como favoravel ás armas do guerreiro castelhano.

O dialogo.

O grande poder e repetidas victorias de abd el Rahman tinham afrouxado muito na velha Hespanha catholica o espirito de resistencia á dominação do islamismo; e aquelle grande monarcha, ao mesmo passo que mantinha ou alargava o seu imperio por meio das armas, não perdia nenhuma occasião de o consolidar por traças acaso mais efficazes: tratava com humanidade aos vencidos, e com magnificencia aos caudilhos do partido christão; e não era escasso, o habil e generoso calipha, de promessas, offertas, e dadas para os atrahir a si, sempre que podia. Alem destas causas que obravam tanto em seu favor, estavam a riqueza e luxo da sua côrte, armados continuamente com o laço e tentação diabolica á consciencia e patriotismo daquelles homens activos, mas pobres e até pobrissimos que defendiam no campo, nas ameias dos muros, e nas torres de menagem, o nobre pendão nacional. As povoações laboriosas, costumadas a tirar a subsistencia do emprego só dos seus braços, contentavam-se — estranhas ao aguilhão da cobiça — que as deixassem gozar em paz do fructo do seu trabalho. Mas não era assim a tropa, affeita a sustentar-se do alheio, e habituada á vida desordenada, e dissoluta dos campos: a miseria, tão aturada como as luctas em que todos os dias se via empenhada, tinha-lhe exaurido a paciencia de tanta fadiga e de tanta mingua ao mesmo tempo. Esta disposição dos animos pronunciava-se nas tendas militares e



nos arraiaes de guerra, sobretudo á vespera de uma campanha.

Á vespera della estava reunido em Burgos o pequeno exercito ou hoste do conde Fernão Gonçalves; multidão confusa e variegada não de muitas nações; mas dos povos de muitos concelhos, cidades, villas, e logares do condado de Castella; cada vassallo, cada concelho, e cada logar talvez com sua bandeira distincta, e os caldeirões do seu rancho. Aqui homens de bésta, ou de chuça, bésteiros, peões, ou *pecheros*; alli, separados destes, cavalleiros de espada ou montante, de lança e facha de armas. Uns tirando sortes sobre o exito da guerra; outros requebrando-se ou chasqueando com mulheres perdidas; alguns comendo; outros bebiam, mas eram poucos [fallo, se entende, dos que bebiam vinho; porque quanto a agua, dessa havia fartura no arraial militar do nobre conde].

Um pouco afastados do tumulto se viam dois homens conversando — já se sabe — na materia vasta, isto é, ácerca da guerra imminente. Um delles alto, trigueiro, macilento, e não mal encarado, apesar de uma profunda cicatriz que lhe apanhava a testa, indo descahir em diagonal sobre a sobrancelha esquerda, e da boa dóse de malicia que lhe estava a transparecer nos olhos e beiços — era um bésteiro veterano, e já russo. O outro, ainda mui moço, com a innocencia, a franqueza, e o enthusiasmo da idade juvenil estampados no semblante — iniciava-se, pela primeira vez, como peão no mister das armas.

— A modo que te vejo alegre, rapaz [dizia o mais velho, que se chamava Diogo para o companheiro], por estares em vespera de algara; mas em algum virote tomando conhecimento com os teus focinhos, ou algum gilvaz de alfange mouro com a tua testa, como tomou com a minha, aposto que hasde dar ao diabo a brincadeira.

— Não heide [replicou o rapaz, todo impertigado]. Alistei-me por minha vontade.

— O mesmo dizia eu nas minhas verduras: mas vinte annos de calcadouro, e dois quarteiros de combates pozeram-me maduro como uma sôrva. Depois sempre bésteiro e sempre pobre... ó Ramiro, isto de nunca passar da cêpa torta, não faz bom cabello a nenhum christão.

— Pois eu cá espero adiantar-me.

— Ta, ta, ta, só fedelho! Não é o mel para a boca do asno. Pois a mim, que nunca me viram na çaga, e que fui sempre dos mais pimpões, deixaram-me cá em baixo, e tu é que havias de trepar! E porque? Se ao menos fosses cavalleiro, isso lá seriam outros quinhentos: mas filho das hervas, e sem coscorrinho, deixa-te de fumos, Ramiro.

— Minha pobre mãe!

— Escuta cá. Vem-me ás vezes uma idéa... Deus me perdoe. Se nos fizessem mouros [o rapaz estremeceu; deu dois pulos para traz; fez o signal da cruz; e pôz-se a olhar fito para o veterano]

... Tu estás tonto, Ramiro, não me percebes, rapaz. O que eu dizia era se... nos... fizessem... os... mouros — se nos fizessem os mouros o mesmo que aqui nos fazem... Ora suppõe tu que andávamos por lá prisioneiros, com o estomago pegado ás costas, e com a boca sêcca como um carapáu, como aqui andámos; não me admirava: mas aqui, aqui, entre os nossos, rapando fome de cão! Sabes que mais, já me vai enfasiando tanta lazeira. Os mouros, os perros malditos [acrescentou o veterano em ar de quem insultava os infieis, para que o rapaz

não tornasse a arripiar-se, e a ter suspeitas, que aliás eram bem fundadas], aquelles cachorros andam impando do melhor carneiro e cabrito, e as goelas [maleitas os matem!] trazem-nas muitos, apesar lá da sua lei, humedecidas das mais excellentes cubas. É verdade que não podem nem cheirar a carne de porco — que é bom petisco segundo dizia um tio meu que era lavrador — mas desforram-se bem os patifes, porque lá n'outros generos tem sempre ração dobrada. Nós fazemos cruces na boca [nesta parte, quero dizer, no que tocava a sayas, o maganão do bésteiro mentia redondamente, porque elle era um polygamista dos quatro costados], fazemos cruces na boca, e ainda em cima andámos sempre n'uma roda viva, com os ossos feitos em salada; tanta marcha, tanta caminhada, com a cara tostada do sol durante o dia, com os membros interigados ao relento da noite, com o corpo todo lavrado de mataduras, de cutiladas, de lançadas, de frechadas; assignado, e muito bem assignado, das patadas do cavallo arabe e dos pontapés do almocaden, moído, zurzido, machucado, mirrado e consumido; e com a boca a pedir chuva, chuva porque carne e pão é para nós, pobres bésteiros, fazenda vedada mais que as nonnas de las Huelgas....

— E vinho? [acrescentou o rapaz, malignamente].

— Não me toques, Ramiro, nessa escravelha...

Ainda bem o rapaz não tinha ferido esta corda, dolorosa para a sensibilidade do bésteiro, quando se ouviu vir do arraial um grande alarido — vivá! vivá! vivá! Parou neste ponto o dialogo; e os dois camaradas partiram a ver o que era. E nós, amigo leitor, tambem vamos com elles, porque temos muita curiosidade de saber o que por lá vai.

(Continuar-se-ha).  
A. d'O. Marreca.



FAC-SIMILE D'UMA GRAVURA DE BEWICK.

Depois do famoso Alberto Durer até o ultimo quartel do século passado não houve homem que desse notavel adiantamento e lustre á gravura em madeira: appareceu porem Thomaz Bewick, que nasceu proximo a Newcastle sobre o Tyne, em 1753; aos esforços, ás delicadas obras deste mestre deve talvez a arte o grau de perfeição a que tem chegado em pouco tempo. —

Não foi por certo sómente para representar uma ave de arribação da casta das galinholas, tão conhecidas entre nós, que estampámos a que se vê



acima; porem sim para os curiosos ajuizarem do estylo que seguiu na gravura Bewick, o qual fez eschola, e sobressahiu na copia dos objectos naturaes. Em 1785, sendo já por outras gravuras conhecido, começou a trabalhar na sua « historia natural dos quadrúpedes: » quando esta obra sahiu á luz produziu grandissima impressão, e os entendedores a receberam com applauso; póde dizer-se que abriu nova era para a gravura em madeira. Maiores créditos ganhou o auctor publicando depois a « historia das aves britannicas » cujo volume 2.º appareceu em 1804. Já não aconteceu o mesmo ás estampas da edição das « fabulas de Esopo » que por bastante inferiores aos precedentes trabalhos de Bewick, não foram apreciadas; devemos contudo confessar que esta obra foi feita na velhice do artista, que falleceu em novembro de 1828, na idade de 75 annos.

As obras, que primeiro citámos, entre os testemunhos de geral approvação mereceram especialmente largos elogios do distincto ornithologista Audubon, que não duvidou comparar Bewick, neste ramo de gravura em madeira, a Linneu na influencia que teve em dilatar o gosto e o methodo do proveitoso estudo da Historia Natural.

#### ESTUDOS MORAES E POLITICOS D'UM VELHO MINISTRO D'ESTADO.

(Fragmento.)

##### Da moderação.

A MODERAÇÃO, no sentido *moral* e mais generico, quer dizer, uma qualidade característica, virtude, ou disposição habitual, que nos induz a usar de prudencia, ou justa medida em todas as cousas que dependem do nosso livre arbitrio ou vontade.

Qualifica-se de moderada uma pessoa, que em seus sentimentos, desejos, e acções, de qualquer natureza que sejam, sabe conter-se nos limites da razão e do dever, e resignar-se á necessidade. *Nequid nimis, nada em demasia ou extremo* aconselham em todos os tempos os philosophos ou mestres do genero humano; e eis-aqui uma regra ou maxima de procedimento, de que não ha excepção, por quanto a moderação não é mais do que aquelle modo, medida, ou justo meio entre os extremos, em que consiste a rectidão, a verdade e a virtude; e o que nós chamamos justo, honesto, ou virtuoso, deixa de o ser logo que se acham preteridos os limites da razão, da lei natural, civil e religiosa.

Quando não se preenche a conta da razão e do dever; ou quando se passa alem das raias que por elles nos estão marcadas, incorremos em uma falta ou ommissão reprehensivel, ou commetemos excessos, exaggeração, extremo ou vicio, e a isso allude a sentença — *os extremos são viciosos*. — Ponhamos um exemplo: uma pessoa diz ter bons sentimentos e desejos de prestar serviços, ou fazer beneficios, mas não os mostra ou põe em pratica ou acção; não faz o que está ao seu alcance; esta pessoa, dizemos nós, incorre em ommissão, é immoderada por defeito, está áquem do seu dever e consciencia, ou faz menos do que deve a si mesmo, e aos outros. — É immoderado ou imprudente por excesso aquelle que faz mais do que póde e deve a si mesmo, á sua conservação, ao seu bem estar; que sem calcular as suas forças physicas, moraes e pe-

cuniarias, sem attender aos deveres e obrigações que tem contrahido, não só deseja cousas impossiveis ou exorbitantes, mas pratica actos que muitas vezes tem apparencia de virtuosos, porem que realmente são viciosos, porque envolvem damno para a sua saude, ou para o seu aproveitamento intellectual ou moral ou economia domestica; ou mesmo injustiça ou prejuizo de terceiro, quer seja particular, quer seja o estado: como por exemplo, aquelle que faz esmolas e donativos, e se descuida de pagar as suas dividas, ou commette outro acto superior ás suas forças.

Desta breve indicação resulta que a idéa de moderação, em ultima analyse, é equivalente de prudencia e de justiça.

A moderação, bem como outras qualidades moraes, é característica ou virtuosa. — Chamo característica aquella que procede principalmente do caracter e constituição natural do individuo; e virtuosa aquella que resulta da reflexão e esforço que fazemos, e do habito que contrahimos de resistir á propensão contraria, tanto nos nossos desejos ou pensamentos, como nas nossas palavras e acções.

A moderação é theorica ou pratica. Ella é puramente especulativa e theorica quando se limita e pára na abstracção ou especulação da sciencia. É pratica quando se applica aos actos da vida humana. Já se vê como seria insensato, ou pouco avisado, aquelle que se limitasse a fazer ou approvar bellos discursos sobre a moderação dos pensamentos e desejos, em quanto na pratica e no procedimento ordinario da sua vida largasse a redea a todos os seus appetites, entregando-se ao uso excessivo ou immoderado de alimentos, bebidas, e quaesquer prazeres physicos, e mesmo moraes, que envolvessem perigo da saude e vida, e do cumprimento dos deveres, de que depende o bem estar verdadeiro e permanente de cada individuo, assim como a prosperidade social.

No sentido economico a moderação consiste em temperarmos a satisfação dos nossos appetites de modo que não se altere o equilibrio entre a despesa e a receita, isto é, em regularmos as nossas despesas segundo os meios que para isso temos; o que melhor explicaremos no artigo em que se trata da economia particular e do regimen domestico.

Agora trataremos da moderação no sentido politico. Do que dissemos ácerca da moderação no sentido moral, facilmente se deduz o que será o cidadão particular e o magistrado, ou o homem publico, porque a moral deve ser a base da politica; quero dizer, o homem que professa e pratica habitualmente a probidade moral [vid. Panorama n.º 101 a pag. 379], quando se achar no exercicio de qualquer poder politico, hade provavelmente reconhecer e respeitar as condições e os limites do justo, e por consequencia hade ser moderado, pois já mostrou como a moderação é synonymo de justiça.

Assim o homem moderado ou justo antepõe a tudo o seu dever e o bem geral, em quanto o immoderado sacrifica tudo ao egoismo, ao espirito de partido, isto é, ás paixões e aos interesses materiaes da riqueza ou do poder, interesses que podem lisongear a ambição, a cobiça, a vaidade ou o amor proprio mal entendido, mas não enchem um coração bem formado e honesto, um espirito recto, amigo da ordem e do bem geral. — O homem ambicioso e exaltado, longe de conter-se nos limites da justiça, passa por cima de todas as barreiras, e todos os meios lhe parecem justos, com tanto que



chegue aos seus fins. Entende mal os seus verdadeiros interesses; separa o util do justo; o dinheiro ou os empregos são os seus idolos; e as paixões os seus deuses.

Pelo contrario o homem moderado quer antes merecer do que conseguir os empregos; contenta-se com o necessario para viver modestamente; prefere a tudo a paz de espirito e consciencia, a independencia de character, a justiça e o bem geral. Nunca perde de vista a idéa que se contém nos seguintes versos de Horacio:

*Est modus in rebus; sunt certi denique fines,  
Quos ultra citraque nescit consistere rectum.*

Portanto para o homem honesto e para o cidadão ou funcionario honrado, nada póde haver mais agradavel do que a qualificação merecida de *moderado e intelligente*.

(2.º Fragmento.)

#### Das côres nacionaes.

Os EMBLEMAS e as CORES nacionaes em todos os tempos e logares tiveram influencia na imaginação dos homens. A primeira vista parece objecto de pouca monta, mas todavia não deixa de ter importancia, quer no sentido moral e politico, quer no historico.

No sentido historico o nome de uma bandeira ou estandarte serve para caracterisar uma epocha notavel, ou uma serie de factos gloriosos; por exemplo: as guerras da *rosa branca* ou da *rosa vermelha* — as da *crúz* com as da *meia lua*.

No sentido moral e politico a bandeira ou os emblemas e côres nacionaes não se consideram como accessorios de revolução, mas sim como declaração d'algum principio reduzido á sua expressão mais simples. É com effeito um incentivo de valor e patriotismo; e bem se sabe o que valeram para a gloria, liberdade e independencia dos romanos, dos portuguezes e dos francezes, as aguias, as Quinas e as côres nacionaes.

Reconhecida, pois, a efficacia destes emblemas e côres nacionaes, cumpria que o legislador quando as adoptou lhes dêsse uma significação para que viessem a exprimir um sentido, e a caracterisar a nação e o governo na epocha da reforma, e não acontecesse que, por exemplo, a nação franceza use da bandeira tricolor sem significação ou razão alguma que auctorise antes aquellas côres do que outras quaesquer.

Assim, por exemplo, a nação portugueza, havendo de reformar as suas instituições sociaes, poderia adoptar a bandeira tricolor, ajuntando agora a *côr verde esmeralda* para exprimir a *união* das vontades nacionaes á *côr branca*, que designa *lealdade de character e de principios*, e á do *azul claro*, que significa *liberdade e independencia*.

A legenda deveria ser *União, Independencia, Lealdade*. Da fita nacional com as mencionadas côres poderiam pender as medalhas de tres novas *ordens nacionaes*, destinadas a premiar as acções correspondentes áquelles patrióticos sentimentos, devendo ficar no centro a *côr* que hade designar a ordem especial a que pertence o condecorado.

Veja-se Pinheiro Ferreira: *Projecto de Codigo politico para a nação portugueza*, art.º 76, 406, 565 e seguintes.

Filippe Ferreira d'Araujo e Castro.

#### Bibliographia.

*Anna de Geierstein, ou a donzella do nevoeiro.* — *Novella de Walter Scott*, traduzida pelo Sr. A. J. Ramalho e Sousa. — 4 vol: 8.º — Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos uteis.

Não será ainda bem conhecido [segundo por ahi dizem muitos] do maximo numero dos leitores portuguezes o auctor do *Ivanhoe*, do *Waverley*, e de tantas obras imaginosas e ao mesmo tempo ricas de scenas, ora patheticas, ora magestosas, ora populares, de retratos fieis apesar de indefinidamente variados, de quadros locais ou de costumes, todos verdadeiros, e de interessantes recordações historicas: — se tal é, o que não podemos acreditar á vista das traducções do Sr. Ramalho, cremos que da mesma maneira desconhecem Walter Scott grande numero de leitores francezes e hespanhoes, por quanto nos idiomas destas nações correm versões nada escrupulosas, que adulteraram o cunho original do auctor, e até muitas vezes o genuino sentido de suas expressões.

Quem não sabia o inglez lançou-se avidamente ás primeiras traducções francezas, que appareceram. — Mas, assim como os espelhos baços reflectem mal as imagens dos objectos, as copias desleaes e imperfeitas atenuam, desfiguram os portentos dos auctores como dos artistas: e dahi procederia a falsa apreciação daquellas obras.

Hoje porem não ha desculpa: existem quatro traducções dadas pelo Sr. Ramalho: «*Ivanhoe*» *Quintino Durward*» *Kenilworth*» e a que annunciámos agora. — Será preciso cotejar o texto com o traslado, para avaliar a exacção, o esmero do traductor, e então se conhecerá tambem que não houve descuido no adaptar a locução convenientemente ás cousas, e que o estylo é puro sempre e em geral aprimorado. Em summa, nesta ultima novella principalmente, a originalidade do escriptor inglez nada perdeu ao tomar carta de naturalisação em Portugal, graças ao trabalho assiduo e á consciencia litteraria do Sr. Ramalho. — Ahi tem os criticos imparciaes o livro, e verão como é fundamentado o nosso juizo.

Walter Scott publicou muitas novellas, em que brilham os dotes particulares de seu talento assombroso: mas parece-nos que nenhuma dellas é tão propria para excitar a attenção dos nossos compatrioticos, como a que se intitula «*Anna de Geierstein*».

A heroína inculca-se vantajosamente logo nos primeiros capitulos; ainda não sabemos quem é verdadeiramente, já por ella tomámos interesse; interesse igual áquelle com que acompanhámos desde as geleiras da Suissa e no meio de singulares aventuras até a corte dos principes e aos campos de batalha um ancião e um mancebo, de ascendencia que só mais tarde conhecemos; muito mais tarde nos revela a serie dos acontecimentos quem é o sacerdote de S. Paulo — personagem tão principal, mas não conciliadora de sympathias, como o respeitavel Landaman, com o qual logo travámos amisade. — Os mysterios da inquisição civil da Westphalia; os habitos e virtudes da singela e independente Helvecia; tres caracteres extraordinarios, cada um em seu genero, Carlos de Borgonha, Renato de Provença e sua filha a rainha proscripta de Inglaterra, apparecem opportunamente para constituir o enredo, as bellezas desta novella, que desafogadamente recommendámos ao publico.